

Suspeito de atentado no Acre é madeireiro, diz Fernando César

Rio Branco — Agenor Marliano

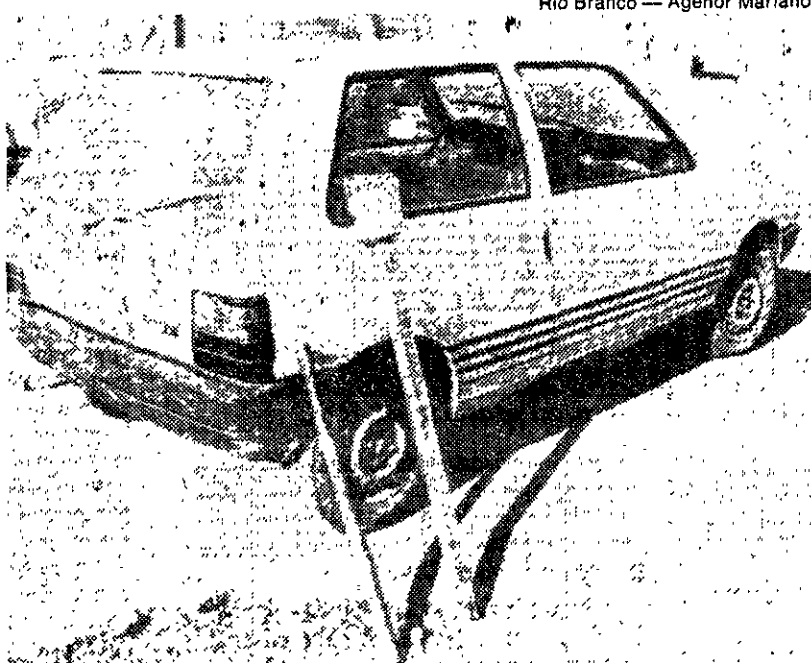
BRASÍLIA — O presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBMA), Fernando César Mesquita, afirmou ontem, pouco antes de embarcar para os Estados Unidos, onde encontrará representantes do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que as investigações sobre o atentado ao engenheiro florestal José Rente Nascimento, ocorrido na última quarta-feira, em Rio Branco, estão conduzindo para o nome de Jorge Moura, presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Acre. A suspeita foi endossada pelo ministro da Justiça, Oscar Dias Corrêa. Segundo o ministro, a Polícia Federal tem pistas concretas sobre o mandante do espancamento, que seria um madeireiro da região.

"Há madeireiros sérios e madeireiros que não gostam de cumprir a lei", disse Fernando César Mesquita. O atentado contra José Rente, coordenador do Plano de Proteção ao Meio Ambiente e às Comunidades Indígenas (PMACI), Paulo Benincá de Sales, delegado do IBMA no Acre, e o engenheiro agrônomo Geraldo Callegari, "é uma evidente tentativa de intimidação de pessoas de interesses econômicos contrariados", disse Fernando César. Na véspera do atentado, a Madeireira São Jorge, de propriedade de Jorge Moura, fora multada em NCz\$ 1.700 por corte ilegal de castanheiras.

Fernando César Mesquita encontrou-se ontem com o presidente José Sarney e com o ministro da Justiça, Oscar Dias Corrêa, a quem pediu segurança para os funcionários do IBMA. Do presidente José Sarney, Fernando César ouviu a promessa de que os culpados serão punidos. "O presidente mostrou-se revoltado. Os culpados são pessoas que estavam acostumadas com a impunidade", avaliou.

Sangue — Em depoimento à Superintendência da Polícia Federal no Acre, o delegado do IBMA, Paulo Benincá de Sales, disse que na última terça-feira, ao apreenderem 75 metros quadrados de castanheiras da Madeireira São Jorge, os funcionários do instituto foram ameaçados pela mulher do madeireiro: "Essa madeira só sai daqui se houver sangue até a altura das canelas", disse ela.

No mesmo dia, contou Paulo Benincá, fiscais do IBMA voltaram à madeireira e apreenderam outras 13 toras (com 19 metros quadrados de madeira). Jorge Moura foi então multado em NCz\$ 1.700 e, irritado, ligou para o gabinete do superintendente da Polícia Federal no Acre, Orion Alves da Silva, reclamando do que chamou de "perseguição pessoal". O diálogo foi rispido e Orion ameaçou dar voz de prisão ao madeireiro se ele impedisse a retirada das toras.



No carro usado pelos agressores havia dois porretes

Engenheiro acusa Moura

RIO BRANCO — O coordenador do Plano de Proteção ao Meio Ambiente e às Comunidades Indígenas (PMACI), o engenheiro florestal José Rente Nascimento, acusou ontem o presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Acre, Jorge Moura, pelo atentado que ele, seu assessor Geraldo Callegari e o delegado regional do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBMA), Paulo Benincá de Sales, sofreram quarta-feira à noite.

Com as marcas das pauladas e coronhadas que recebeu na cabeça e em várias partes do corpo, José Rente disse ontem no hospital que há uma ligação clara e direta entre as agressões e as multas aplicadas pelo IBMA contra a madeireira de Jorge Moura — NCz\$ 4 mil em fevereiro passado e NCz\$ 1.700 na véspera do atentado. Além disso, confirmou que em fevereiro recebeu um aviso do assessor de imprensa do sindicato e amigo de Jorge Moura, Benjamin Zegarra, para que saísse imediatamente do Acre se não quisesse ser morto.

Ligação — O superintendente da Polícia Federal no Acre, delegado Orion Alves da Silva, disse que ainda não se pode fazer uma ligação entre o fato de o carro — um Fiat Uno, placa AX-0283 — ter sido localizado no pátio da firma do empresário Jorge Moura com sua participação no atentado. O superintendente informou que o veículo pertence de fato ao gerente da firma do madeireiro, Adaldisio da Silva Noronha, e, segundo depoimento de dois vigias, o Fiat saiu do pátio antes das 18h e retornou às 21h, meia hora depois de ter acontecido o

atentado. No carro foram encontrados também os dois porretes que os agressores usaram para espancar o delegado do IBMA, o coordenador do PMACI e seu assessor.

Em entrevista ontem, o madeireiro Jorge Moura negou novamente qualquer participação no crime. Também ouvido ontem, o jornalista Benjamin Zegarra disse que realmente procurou José Rente em fevereiro, mas não foi recebido pelo engenheiro florestal. Admitiu, porém, que o encontrou depois no aeroporto de Rio Branco, quando lhe perguntou se não tinha medo de morrer como Chico Mendes.

Rápido — O coordenador do PMACI, José Rente, contou que tudo aconteceu muito rápido. Os dois agressores fecharam o fusca em que estavam, desceram armados com revólveres e porretes e passaram a agredi-lo, derrubando-o no chão. Ao vê-lo caído, o delegado do IBMA, Paulo Benincá, atacou-se com um dos agressores, enquanto ele tentava escapar, arrastando-se para um matagal. Foi quando ouviu um tiro. Durante a pancadaria, os dois agressores advertiram que eles deveriam parar de "fazer isso", referindo-se à fiscalização às madeireiras e às derrubadas de árvores.

Amigo de Chico Mendes, com quem andou várias vezes pelos seringais do Acre, José Rente disse que teve medo de morrer, pois sentia muitas dores na cabeça e nos rins. Em consequência das pancadas que recebeu nos rins, chegou ao hospital urinando sangue, mas ontem já estava melhor.